

Produção e Comercialização de Coco no Brasil Frente ao Comércio Internacional: Panorama 2014



ISSN 1678-1953

Agosto, 2014

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Documentos 184

Produção e Comercialização de Coco no Brasil Frente ao Comércio Internacional: Panorama 2014

Carlos Roberto Martins
Luciano Alves de Jesus Júnior

Embrapa Tabuleiros Costeiros
Aracaju, SE
2014

Embrapa Tabuleiros Costeiros
Av. Beira Mar, 3250, CEP 49025-040, Aracaju, SE
Caixa Postal 44
Fone: (79) 4009-1300
Fax: (79) 4009-1369
cpatc.sac@embrapa.br

Comitê Local de Publicações

Comitê Local de Publicações da Embrapa Tabuleiros Costeiros

Presidente: *Marcelo Ferreira Fernandes*

Secretária-executiva: *Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues*

Membros: *Alexandre Nizio Maria, Ana da Silva Lédo, Ana Veruska Cruz da Silva Muniz, Élio César Guzzo, Hymerson Costa Azevedo, Josué Francisco da Silva Junior, Julio Roberto de Araujo Amorim, Viviane Talamini e Walane Maria Pereira de Mello Ivo*

Supervisão editorial: *Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues*

Projeto gráfico e editoração eletrônica: *José Gabriel Santos*

Foto da capa: *Carlos Roberto Martins*

1ª Edição (2014)

On line (2014)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Martins, Carlos Roberto

Produção e comercialização de coco no Brasil frente ao comércio internacional : panorama 2014 / Carlos Roberto Martins – Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2013.

51 p. (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, ISSN 1517-1329; 184).

Disponível em <http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/>

1. Coco. 2. Economia. 3. Comércio internacional. 4. Produção. 5. Mercado. 6. Coco fresco. 7. Coco desidratado. 8. Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 633.61

Autores

Carlos Roberto Martins

Engenheiro-agrônomo, doutor em Agronomia,
pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju,
SE, carlos.r.martins@embrapa.br.

Luciano Alves de Jesus Júnior

Bacharel em Estatística, Analista da Embrapa Tabuleiros
Costeiros, Aracaju, SE, luciano.alves@embrapa.br.

Apresentação

O cultivo do coqueiro vem se intensificando em diversos países, visando atender a demanda crescente por produtos oriundos do coco. O avanço da cultura do coqueiro no Brasil, não ocorre somente pela evolução em patamares produtivos, que condicionam ao país lugar de destaque entre os maiores produtores mundiais, mas também, pela consolidação do cultivo em regiões não tradicionais.

No Brasil, a produção se destina basicamente a produção de coco seco in natura e/ou na forma de produto industrializado (coco-ralado e leite de coco) com destaque para a produção de água de coco. O arranjo produtivo do coco verde brasileiro vem se consolidando, não só pelo aumento de áreas de plantios, com variedades apropriadas à produção de água, mas pelo crescimento do consumo da água de coco, impulsionados principalmente pela inclusão de hábitos saudáveis no comportamento da população brasileira. Esse segmento tem crescido significativamente nos últimos anos, apresentando boas perspectivas de comercialização de água de coco tanto no mercado interno brasileiro como o de exportação.

A presente publicação representa um esforço em organizar e apresentar informações sobre a evolução da cultura do coco nos últimos tempos, evidenciando e discutindo alguns gargalos produtivos, bem como, apontando alguns desafios e oportunidades que se configuram na produção de coco no Brasil. Trata-se de um trabalho de caráter informativo e fundamental, pela carência de informações que permitam situar os interessados no assunto e, também, de apoiar as demais áreas de estudo sobre o cultivo do coqueiro no Brasil.

O conhecimento tecnológico e a informação são insumos importantes para qualquer segmento agropecuário brasileiro. Dessa forma, contribuimos para cumprimento da missão da Embrapa Tabuleiros Costeiros, não apenas por analisar fatos e tendências, mas principalmente por sanar deficiências e revelar situações que podem contribuir com o desenvolvimento tecnológico desta importante cadeia produtiva para a agricultura brasileira.

Manoel Moacir Costa Macedo

Chefe-Geral da Embrapa Tabuleiros Costeiros

Sumário

Produção e Comercialização de Coco no Brasil Frente ao Comércio Intenacional: Panorama 2014	7
Cultivo do Coqueiro no Mundo	8
Cultivo do Coqueiro no Brasil	11
Principais Variedades Cultivadas no Brasil.....	21
Comércio Internacional e Brasileiro de Coco	26
Comercialização de copra de coco	35
Comercialização de coco desidratado	36
Mercado do coco fresco e seco no Brasil	37
Considerações Finais	47
Referências	48

Produção e Comercialização de Coco no Brasil Frente ao Comércio Internacional: Panorama 2014

Carlos Roberto Martins

Luciano Alves de Jesus Júnior

O coqueiro é considerado uma planta de múltiplas funcionalidades, virtuosamente pela gama de produtos que podem ser explorados, levando ao reconhecimento mundial como um recurso vegetal vital para toda a humanidade. Encontra-se difundida em praticamente todos os continentes, sendo encontrada entre os paralelos 23°N e 23°S em mais de 200 países diferentes (FOALE; HARRIES, 2009). Sua exploração comercial se detem expressivamente em aproximadamente 90 países, onde se encontram os maiores plantios e melhores condições de cultivo como solos arenosos, intensa radiação solar, boa umidade e precipitação bem distribuída.

A maioria dos países que cultivam essa palmeira as utiliza para produção de frutos, com os objetivos de explorarem comercialmente a copra para produção de óleo e coco seco desidratado. No Brasil, o coqueiro é cultivado com a finalidade de produzir frutos destinados à agroindústria para produção principal de coco ralado e leite coco, além da água de coco. Esse segmento de água de coco tem crescido nos últimos anos, apresentando ainda grandes perspectivas futuras, tendo em vista o crescimento do consumo nos mercados interno e externo, o qual, tem sido normalmente associado à qualidade de vida e saúde.

O cultivo do coqueiro se destaca em muitos países não só pelos aspectos econômicos que proporciona, mas também pelos ganhos sociais e ambientais advindos da exploração sustentável da cultura. O avanço de técnicas de cultivo adequadas aos novos preceitos da sociedade vem possibilitando, principalmente em agroecossistemas frágeis como em regiões de Mata Atlântica e zonas litorâneas, a inserção de pequenos produtores a melhores condições de vida em diversas regiões do mundo. Aproximadamente 90% da produção de coco do mundo advêm de pequenos agricultores, com áreas de até 5 hectares,

sendo que esta produção é praticamente consumida internamente, nos países produtores. No Brasil, cerca de 70% da exploração de coqueiro ocorre em propriedades de até 10 ha (SIQUEIRA et al., 2002; ARAGÃO et al., 2010).

Nos últimos anos, a intensificação de áreas de cultivo e de produção é percebida em várias partes do mundo. No Brasil, o avanço da cultura ocorre não só pela evolução em patamares produtivos, que condicionam ao país lugar de destaque entre os maiores produtores mundiais, mas também, pela expansão da área cultivada, principalmente em regiões não tradicionais de cultivo. O cultivo de coqueiro no Brasil tradicionalmente acontece na região Nordeste, mas nos últimos trinta anos as áreas desse cultivo vem tendo uma atenção especial em outras regiões do Brasil, principalmente no Sudeste, Centro Oeste e Norte do país.

Este trabalho de caráter informativo representa um esforço em organizar e apresentar informações sobre a evolução da cultura do coco, evidenciando e discutindo alguns obstáculos produtivos, bem como, apontando alguns desafios e oportunidades que se configuram na produção de coco, no Brasil.

Cultivo do Coqueiro no Mundo

O cultivo mundial do coqueiro registrou acréscimo em termos de área de plantio e produção. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em 1970, a produção mundial foi ao redor de 26 milhões de toneladas, numa área colhida de 6,7 milhões de hectares. Com o passar dos anos, ocorreu um incremento considerável, alcançando no ano de 2000 a produção de 51 milhões de toneladas numa área de 10 milhões de hectares. Atualmente, a produção está em torno de 60 milhões de toneladas em uma área colhida ao redor de 12 milhões de ha (Figura 1). Embora se perceba o acréscimo na área cultivada, o que se evidencia principalmente a partir dos anos 90, é o incremento significativo em termos de produção de coco, resultante do aprimoramento tecnológico dos sistemas de cultivo refletindo no avanço da produtividade global.

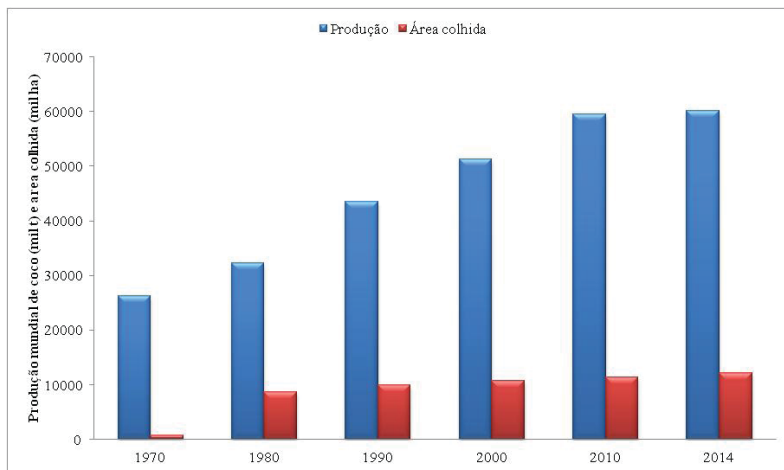


Figura 1. Evolução da produção e área cultivada com coqueiros no mundo no período de 1970 a 2014.

Fonte: FAO (2014).

A maior parte da área plantada com coqueiro no mundo situa-se na Ásia, principalmente na Índia, Filipinas, Indonésia, Sri Lanka e Tailândia, correspondendo a aproximadamente 70% da área mundial, enquanto que o restante se distribui nos continentes da África, América Latina, Oceania e Caribe. A Indonésia se destaca como o maior produtor mundial de coco, seguido por Filipinas e Índia, entretanto, em área colhida, a Filipinas destaca-se com uma maior área cultivada, com mais de 500 mil hectares de coqueiro a frente da Indonésia (Tabela 1). Em termos de produtividade, o Brasil lidera o ranking dos países com maior rendimento.

É importante destacar o avanço desta cultura no Brasil: em 1990, o país ocupava a 10ª posição no ranking mundial, com uma produção ao redor dos 477 mil toneladas de coco. Atualmente, o país é o quarto maior produtor mundial com uma produção aproximada de 2,8 milhões de toneladas, em uma área colhida de 257 mil ha de coqueiros. Notadamente, a contribuição para esta evolução ocorre em termos de produtividade, próximo de 11 toneladas por hectare em média, parâmetro que eleva o País a notoriedade entre os maiores ranking de produtividade do mundo.

Tabela 1. Produção, área colhida e produtividade dos principais países produtores de coco, em 2012.

País	Área colhida (ha)	Produção (1.000 t)	Produtividade (1.000 t/ha)
Indonésia	3.000.000	18.000.000	6,00
Filipinas	3.573.806	15.862.386	4,44
Índia	2.132.240	10.560.000	4,95
Brasil	257.742	2.888.532	11,21
Sri Lanka	394.840	2.000.000	5,07
Vietnã	145.000	1.250.000	8,62
Tailândia	217.000	1.100.000	5,07
México	166.000	1.050.000	6,33
Papua Nova Guine	223.000	900.000	4,04
Malásia	112.093	606.530	5,41
Outros	1.892.920	5.831.389	3,08
Mundo	12.114.141.37	60.048.837.15	4,96

Fonte: FAO (2014).

Esta condição de destaque do Brasil no cenário mundial de produção de coco, sobressai-se ainda mais quando se compara aos países da América do Sul, região na qual a produção brasileira é responsável por mais de 80% da produção do coco, destacando-se também em área cultivada e produtividade (Tabela 2).

Tabela 2. Produção, área colhida e produtividade dos principais países produtores de coco na América do Sul, em 2012.

País	Área colhida (ha)	Produção (1.000 t)	Produtividade (1000 t/ha)
Brasil	257.742	2.888.532	11,21
Venezuela	19.000	165.000	8,68
Guiana	17.000	80.000	4,71
Colômbia	12.900	102.000	7,91
Equador	3.300	20.000	12,01
Peru	2.472	29.687	6,06
Suriname	550	4.000	7,27
Guiana Francesa	65	350	5,38
América do Sul	313.029	3.289.569	9,76

Fonte: FAO (2014).

A evolução brasileira na produção de frutos ocorre obviamente pelo acréscimo das áreas de cultivo, mas principalmente pelo incremento tecnológico na condução e manejo dos coqueirais em quesitos como adubação, sistemas intensivo de cultivos, variedades melhoradas de coqueiros do tipo Anão e híbridos, que conjuntamente propiciaram aumento da produtividade e avanço do cultivo de coqueiros em novas fronteiras agrícolas (MARTINS; JESUS JUNIOR, 2011).

Cultivo do Coqueiro no Brasil

O coqueiro foi introduzido no Brasil em meados de 1950 através do Estado da Bahia, por isso da denominação coco-da-baía, com material proveniente da Ilha de Cabo Verde. É provável que tenha origem na Índia ou Sri Lanka que, por sua vez foram introduzidos de Moçambique. Passados alguns anos, novas introduções de coqueiro foram realizadas de países como Malásia, Costa do Marfim entre outros (ARAGÃO et al., 2010).

A partir da Bahia, o coqueiro disseminou-se pelo litoral nordestino, especialmente por ser uma frutífera típica de clima tropical onde encontrou condições favoráveis para cultivo e, posteriormente acabou se adaptando em outras regiões do país. Em 1990, o cultivo de coqueiro se restringia às regiões

Norte e Nordeste. Nos dias atuais, o que se constata é o cultivo de coqueiros em quase todas as unidades da federação brasileira (Figura 2).

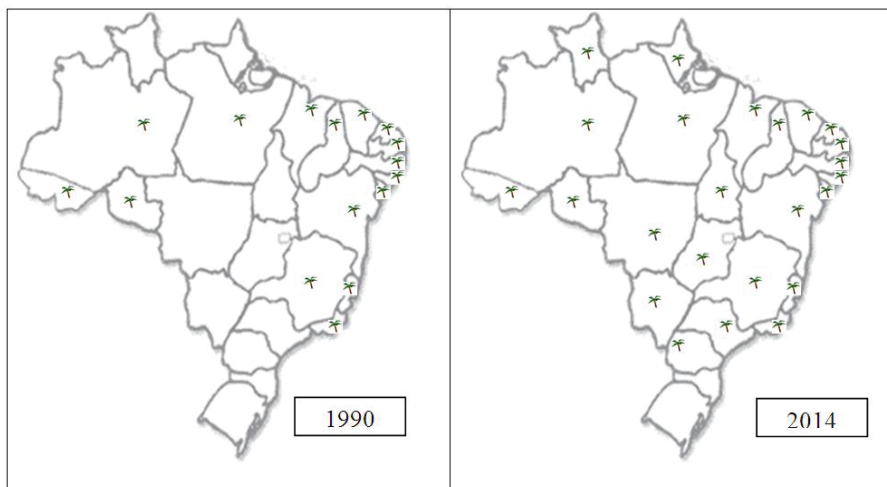


Figura 2. Avanço do cultivo de coqueiros nos estados brasileiros em 1990 e 2014.

O Brasil possui cerca de 280 mil hectares cultivados com coqueiro, distribuídos, praticamente, em quase todo o território nacional com produção próxima dos dois bilhões de frutos (FAO, 2014). Mesmo havendo incremento na área plantada desde 1990, o que se verifica é o aumento vertiginoso de produção a partir do final da década de 1990 como pode ser visualizado, na Figura 3.

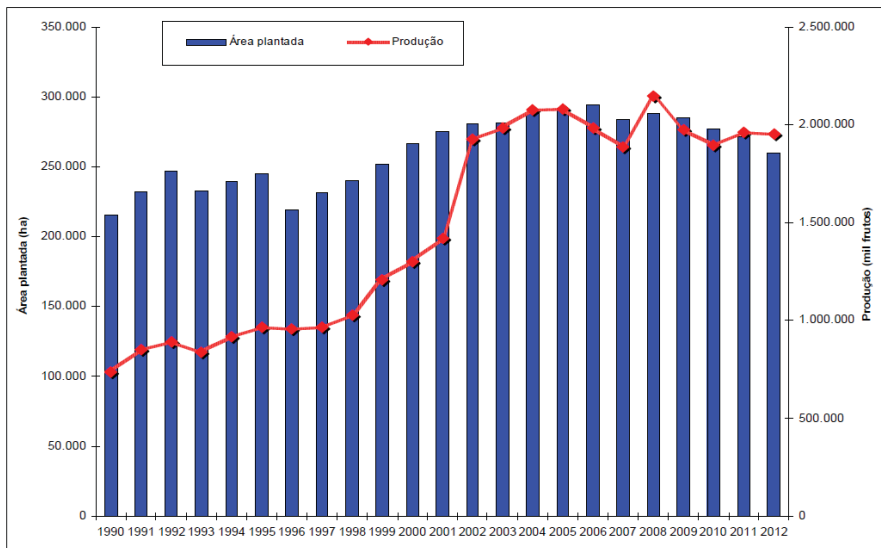


Figura 3. Área plantada e produção de coco no Brasil de 1990 a 2012.
Fonte: IBGE (2014).

No período de 1990 a 2012, a produtividade da cultura do coco no Brasil passou de uma produção média de 3.400 frutos/ha para cerca de 7 mil frutos/ha (Figura 4).

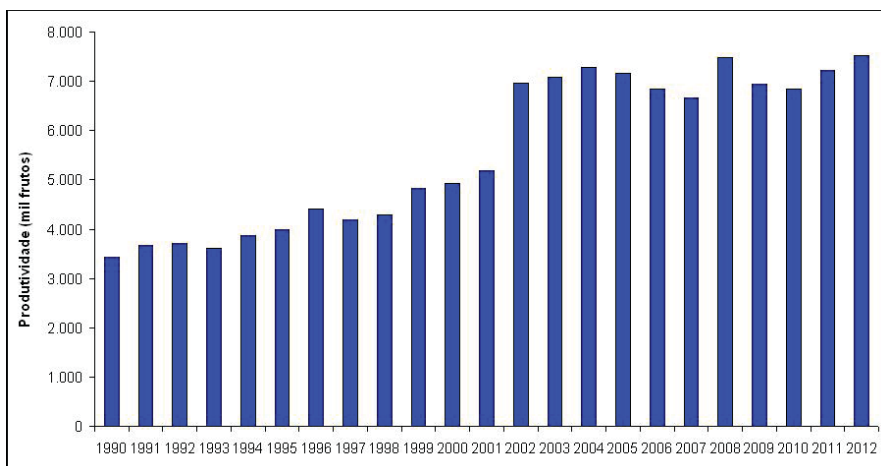


Figura 4. Produtividade de coco no Brasil de 1990 a 2012.
Fonte: IBGE (2014).

Apesar de o cultivo do coqueiro estar sendo estimulado e introduzido em várias regiões do país, as maiores plantações se concentram na faixa litorânea do Nordeste e parte da região Norte do Brasil. Favorecida pelas condições de tropicalidade climática, ambas as regiões detêm próximos dos 70% da área de produção do coco brasileiro (Tabela 3). Essa situação de notoriedade em área e produção da fruta se reflete nas maiores cifras em termos de valor da produção. Entretanto, essa relação é inversamente proporcional quando se analisa a conversão equivalente área no valor de produção alcançado, ou seja, a taxa de conversão é de 2,7 para a Região Nordeste, 3,8 para a Norte, 8,9 para a Sudeste, 10,17 para a Centro Oeste e de 12,55 para a região Sul. Mesmo alcançando os maiores valores da produção na Região Nordeste, comparativamente à área, as demais regiões apresentam um valor bruto da produção que remete a maior valorização pelo mercado consumidor.

Tabela 3. Área plantada com coqueiro, produção e produtividade de coco nas regiões do Brasil, em 2012.

Regiões do Brasil	Área Plantada (ha)	Produção Valor da (mil frutos) produção (R\$)
Nordeste	208.977	1.345.962
		579.899
Norte	27.314	252.406
		104.676
Sudeste	20.471	315.714
		182.714
Centro-Oeste	2.752	37.190
		27.666
Sul	223	3.082
		2.722

Fonte: IBGE (2014).

Outro fator importante a ressaltar é a evolução produtiva de coqueiros a partir dos anos 1990. Todas as regiões apresentaram incremento em termos de produtividade, inclusive com o surgimento de cultivos no norte do Paraná, permitindo a figuração em termos de produtividade, demonstrando a evolução tecnológica no País, nos últimos 20 anos (Figura 5).

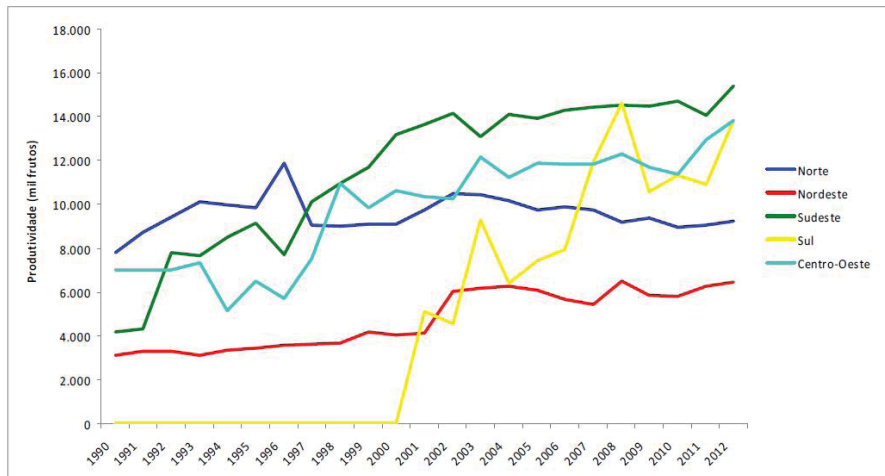


Figura 5. Produtividade média (mil frutos) dos coqueiros por região no Brasil no período de 1990-2012.

Fonte: IBGE (2014).

Apesar do Nordeste manter a maior participação na produção de coco, o rendimento da cultura em termos de produtividade é menor do que em outras regiões. Esta situação decorre principalmente do nível tecnológico empregado, das variedades de coco exploradas e de sua utilização. Na Região Nordeste, predomina um sistema de cultivo semi-extrativista com variedades de coqueiro-gigante destinado à produção coco seco, enquanto nas demais regiões predomina o cultivo de coqueiros-anões e híbridos com produção para coco verde (água de coco), que são naturalmente mais produtivos que o coqueiro-gigante (FONTES; WANDERLEY, 2006). Além disso, os coqueirais encontram-se em sua maioria abandonados, com produtores desestimulados, em função não somente dos baixos preços do coco seco no mercado, como também, da falta de políticas governamentais de incentivo ao cultivo (FONTES, 2010). Esse quadro se caracteriza ainda pela baixa fertilidade natural dos solos, pela não adoção de práticas de manejo cultural, pela incidência de pragas e doenças e de déficit hídrico, que isoladamente ou em conjunto, refletem na queda de produção e na qualidade dos frutos colhidos (MARINHO et al., 2006; FONTES, 2010).

Embora a expansão da cocoicultura no Brasil venha surpreendendo com os plantios em regiões não tradicionais, como Semiárido nordestino, Centro-

Oeste e até o norte do Paraná, observa-se o seu predomínio na região litorânea nordestina. Dentre os 10 maiores estados produtores de coco do Brasil, sete são da região Nordeste. A liderança da produção é da Bahia, seguida de Ceará e Sergipe (Tabela 4), que juntos respondem por mais de 50% da produção nacional de coco. A Figura 6 ilustra a colheita e o transporte de frutos dentro de um coqueiral no Platô de Neópolis, em Sergipe.



Figura 6. Colheita e transporte de coco de um coqueiral do Platô de Neópolis de Sergipe, Nordeste brasileiro.

A superioridade dos estados nordestinos ainda se mostra expressiva em termos de área plantada, já que os três maiores produtores também possuem os maiores percentuais (60%) da área total cultivada com coco no Brasil.

Tabela 4. Produção de coco, área plantada e produtividade do coqueiro dos principais estados brasileiros produtores, em 2012.

Estado	Produção (mil frutos)	Área plantada (ha)	Produtividade (mil frutos/ha)
Bahia	553.759	75.827	7,30
Ceará	272.060	45.202	6,01
Sergipe	242.852	39.486	6,15
Pará	231.400	23.584	9,81
Espírito Santo	173.716	10.941	15,87
Pernambuco	106.625	8.264	12,90
Rio de Janeiro	70.013	4.546	15,40
Rio Grande do Norte	62.293	20.384	3,05
Paraíba	57.456	9.817	5,85
Alagoas	29.287	6.218	4,71

Fonte: IBGE (2014).

Em termos de produtividade, existe uma reversão desta liderança, podendo-se notar que os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo figuram entre aqueles com maior rendimento no cenário nacional. Esses estados possuem, ainda, grandes possibilidades de crescimento na produção de coco fresco, dada à proximidade com os grandes centros consumidores. O aumento significativo na maior produção de frutos por hectare, observado para essas regiões, pode ser atribuído entre outros fatores ao tipo de coqueiro utilizado, variedades de coco ananizantes “coco verde” e também ao sistema de produção adotado. Além disso, sua aplicabilidade no uso industrial é maior, pela maior quantidade de água e pela melhor qualidade se comparado às outras variedades. Ressalta-se em Pernambuco a alta produtividade dos coqueirais destoante dos demais estados nordestinos, pelo fato da produção estar concentrada em sua maioria na região irrigada do Vale do São Francisco.

Embora se tenha um dinamismo em termos de inserção no panorama das regiões produtoras, vale destacar alguns municípios e suas representações em

termos produtivos. Considerando a análise da série histórica de 2008 a 2012, são apresentados na Tabelas 5 e 6, a distribuição das áreas de cultivo e da quantidade produzida por município dentro das regiões brasileiras, destacando os cinco principais municípios que mais se destacaram no cultivo do coqueiro.

As regiões Nordeste e Norte são as maiores em área cultivada e quantidade produzida. O Nordeste representa 80,73% do total da área colhida de coco e, 68,91% do valor total do coco produzido do Brasil, tendo o Município de Estância, em Sergipe, como maior representante, correspondendo a 4,36% do total plantado e, 6,33% do coco produzido na região (Tabela 5 e 6). O Norte, possui 10,34 % da área plantada e 13,39% do coco produzido no país, onde se destaca o Município de Moju, no Pará, com 25,04% deste porcentual com área plantada e 27,52% do coco produzido.

Tabela 5. Área colhida com coqueiro nos principais municípios produtores de coco, no período de 2008 a 2012.

Região	Município	% Município / Total do Brasil	% Município / Total do Região	% Região / Total do Brasil
Nordeste	Conde - BA	5,13	6,35	80,73
	Jandaíra - BA	3,42	4,24	
	Pacatuba - SE	2,76	3,42	
	Trairi - CE	2,60	3,22	
	Esplanada-BA	2,27	2,81	
	Total dos cinco municípios na Região	16,18	20,04	
Norte	Moju - PA	2,66	25,75	10,34
	Acará - PA	0,89	8,59	
	Capitão Poço - PA	0,33	3,17	
	Tracuateua - PA	0,31	2,97	
	Tomé-Açu - PA	0,26	2,53	
	Total dos cinco municípios na Região	4,45	43,00	

Continua...

Tabela 5. Continuação.

Região	Município	% Município / Total do Brasil	% Município / Total do Região	% Região / Total do Brasil
Centro- Oeste	Tangará da Serra - MT	0,05	4,7	
	Torixoréu -MT	0,04	3,30	
	Rondonópolis - MT	0,03	2,73	
	Ribas do Rio Pardo - MS	0,03	2,63	1,16
	Brasilândia - MS	0,03	2,41	
	Total dos cinco municípios na Região	0,18	15,78	
Sudeste	São Mateus - ES	1,17	15,20	
	Quissamã - RJ	0,44	5,76	
	Vila Valério - ES	0,30	3,87	
	Saquarema-RJ	0,17	2,24	7,71
	Itaguaí- RJ	0,16	2,11	
	Total dos cinco municípios na Região	2,25	29,17	
Sul	Colorado - PR	0,01	3,45	
	Marilena - PR	0,01	3,45	
	Loanda- PR	0,00	1,72	
	Alto Paraná- PR	0,00	1,38	0,06
	Esperança Nova - PR	0,00	0,92	
	Total dos cinco municípios na Região	0,02	10,92	

Fonte: IBGE (2014)

Tabela 6. Produção de coco dos principais municípios produtores brasileiros, no período de 2008 a 2012.

Região	Município	% Município / Total do Brasil	% Município / Total do Região	% Região / Total do Brasil
Nordeste	Estância - SE	4,36	6,33	
	Acajutiba - BA	3,55	5,15	
	Juazeiro - BA	2,46	3,57	
	Santa Luzia do Itanhy -SE	2,35	3,41	68,91
	Esplanada - BA	2,30	3,34	
	Total dos cinco municípios na Região	15,02	21,79	
Norte	Moju - PA	3,68	27,52	
	Acará - PA	1,18	8,79	
	Capitão Poço - PA	0,71	5,28	
	Bujaru - PA	0,49	3,66	13,39
	Santo Antônio do Tauá - PA	0,33	2,47	
	Total dos cinco municípios na Região	6,39	47,72	
Centro- Oeste	Tangará da Serra - MT	0,12	5,84	
	Torixoréu - MT	0,11	5,32	
	Canarana- MT	0,05	2,68	
	Goianira - GO	0,04	2,15	1,99
	Lucas do Rio Verde - MT	0,04	2,15	
	Total dos cinco municípios na Região	0,36	18,14	
Sudeste	São Mateus - ES	3,53	22,64	
	Saquarema - RJ	0,72	4,59	
	Quissamã - RJ	0,61	3,93	
	Rio de Janeiro -RJ	0,42	2,68	15,61
	Itaguaí - RJ	0,38	2,46	
	Total dos cinco municípios na Região	5,66	36,30	

Continua...

Tabela 6. Continuação.

Região	Município	% Município / Total do Brasil	% Município / Total do Região	% Região / Total do Brasil
Sul	Marilena - PR	0,02	22,90	
	Colorado - PR	0,02	20,86	
	Loanda - PR	0,01	5,82	
	Alto Paraná- PR	0,01	4,94	0,10
	Esperança Nova - PR	0,00	4,03	
	Total dos cinco municípios na Região	0,08	58,55	

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (2014).

A região Sudeste detém 7,71% da área colhida e, 15,61% da produção, onde se evidencia o Município de São Mateus, no Espírito Santo, a maior área plantada da região, com 15,20% e com 22,64% da quantidade produzida. Na Região Centro Oeste, verifica-se que a área total cultivada com coco atinge 1,16% do total nacional e com 1,995% da quantidade produzida, com destaque para o Estado do Mato Grosso com os municípios de Tangará da Serra com 4,7% da área plantada e do Município de Torixoréu com 3,30% da quantidade produzida. Já a Região Sul do Brasil tem sua representação evidenciada pelo Estado do Paraná com valores de 0,06% da área plantada e, com 0,1% da quantidade produzida de coco no país, tendo os municípios de Marilena e Colorado como expoentes no cultivo de coco na região.

Principais Variedades Cultivadas no Brasil

A produção de coco no Brasil encontra-se em franco crescimento aproximando-se das 3 milhões de toneladas por ano. Está embasada em dois segmentos diferenciados: a da produção de coqueiro destinada ao consumo de coco seco e da produção coco fresco destinado à água de coco (Figura 7).

O coco verde destinado ao mercado de água de coco é colhido ainda imaturo com aproximadamente seis meses de idade, período este em que se inicia a formação do albúmen sólido. Nessa fase, além do maior rendimento da água, o sabor é mais agradável tendo, portanto, a preferência do consumidor. Quando

o objetivo é atender o mercado de coco seco, os frutos devem ser colhidos durante a fase de plena maturação, alcançada com 11 a 12 meses de idade, quando o albúmen sólido encontra-se totalmente formado.

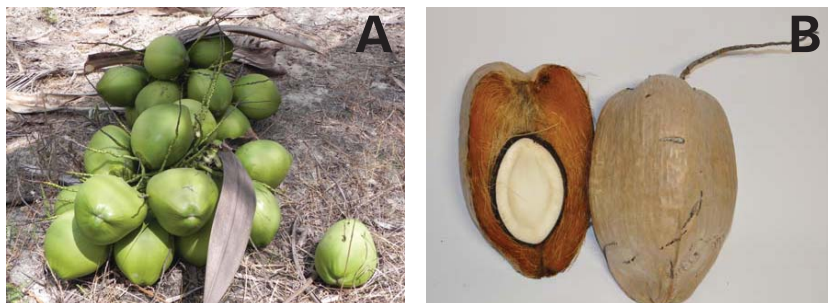


Figura 7. Coco verde destinado ao consumo de água (A) e de coco seco destinado a processamento industrial (B).

A área plantada de coqueiro no país se distribui entre as variedades de coqueiro-gigante e coqueiro-anão e híbridos (resultado do cruzamento do coqueiro-anão com o coqueiro-gigante, com dupla finalidade comercial, destinado tanto para consumo in natura quanto para uso agroindustrial), como ilustra a Figura 8. Embora não haja oficialmente uma distinção de área e produção entre coco seco e coco verde, estima-se que 70% da área plantada sejam com coco seco, o que corresponde a aproximadamente 50% da produção total de coco do Brasil (WANDERLEY; LOPES, 2010).

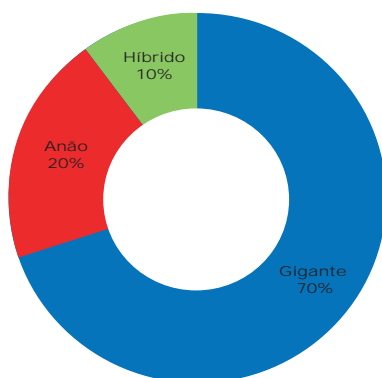


Figura 8. Distribuição dos grupos varietais explorados comercialmente no Brasil.

Fonte: Adaptado de Wanderley e Lopes (2010).

A produção de coco seco é obtida predominantemente do grupo varietal do coqueiro-gigante conhecido também como mestiço e/ou comum (Figura 9). Essas plantas apresentam porte elevado, podendo atingir até 35 m de altura, na maturidade produtiva. Iniciam a produção em condições ideais com 5 a 7 anos de vida podendo atingir até 70 anos. Sua colheita ocorre com 11 a 12 meses após a floração (Figura 7), sendo a produção destinada tanto ao uso in natura quanto à industrialização, na obtenção de produtos como coco ralado, leite de coco, doce, farinha, fibras, entre outros produtos e subprodutos. Os plantios de coqueiros-gigante encontram-se prioritariamente nas propriedades com a utilização de menor nível tecnológico, dada a sua rusticidade e adaptabilidade às condições de fertilidade do solo e estresses biológicos.



Humberto Rollemberg Fontes

Figura 9. Coqueiros da variedade Gigante.

Os novos plantios vêm ocorrendo, principalmente no interior do país, com variedades de coqueiro-anão (Figura 10) e/ou híbridos, com produtividade superior a do coqueiro-gigante. Mesmo com estacada importância do coqueiro-anão no Brasil, tanto com programas de cruzamento intervarietal quanto na utilização comercial, nos principais países produtores de coco do mundo este cenário não se repete. Nesses países, este grupo varietal vem sendo empregado predominantemente apenas em programas de hibridação intervarietal Anão x Gigante e para fins ornamentais (ARAGÃO et al., 2010). De acordo com Aragão et al. (2010), essas plantas apresentam precocidade, iniciando a produção em média com 2 a 3 anos após o plantio, apresentando uma produtividade em torno de 150 a 200 frutos/planta/ano, tendo vida útil de 30 a 40 anos. Seu porte é reduzido, podendo atingir de 10 a 12 m de altura. Os frutos desse grupo são menores e capazes de armazenar em média 300 mL de água. Além disso, estas variedades apresentam maior aproveitamento sob ponto de vista agroindustrial.



Humberto Rollemberg Fontes

Figura 10. Coqueiro da variedade Anã.

Resultante do cruzamento das variedades Anã e Gigante, os híbridos (Figura 11) têm obtido bons como um grupo de dupla finalidade, devido ao seu potencial de utilização tanto de forma in natura como no processamento industrial. Possui uma série de vantagens em relação ao coqueiro-gigante e ao coqueiro-anão (Tabela 7), porém sua maior dificuldade está na propagação, ou seja, na obtenção das sementes híbridas capazes de abastecer o mercado consumidor, além de apresentar problemas de segregação genética quando utilizada as sementes oriundas dos próprios híbridos.

Humberto Rollemberg Fontes



Figura 11: Híbrido de coqueiro Gigante e Anão.

Tabela 7. Principais características agrônômicas dos grupos varietais de coqueiro.

Características	Variedades de coqueiros		
	Anão	Híbrido	Gigante
Início da floração (ano)	2 a 3	3 a 4	5 a 7
Vida útil	30 a 40	50 a 60	60 a 80
Tamanho do fruto	Pequeno	Intermediário	Grande
Crescimento	Lento	Intermediário	Rápido
Porte (m)	8 a 10	20	35
Produção de frutos (frutos/planta/ano)	150 a 200	130 a 150	60 a 80
Produtividade de frutos (frutos/ha)	30 a 40 mil	20 a 24 mil	8 a 12 mil
Peso do fruto (g)	900	1200	1400
Peso da noz (g)	550	700	800
Peso médio albúmen sólido (g)	250	400	350
Produtividade copra (Kg)	3 a 4 mil	4 a 5 mil	2 a 2,5 mil
Teor médio de óleo (%)	25,41	66,01	67,02
Teor médio de ácido láurico (%)	50,16	50,65	52,04
Produtividade de ácido láurico (kg/ha)	380 a 510	1300 a 1700	650 a 900
Produção de água (ml)	200 a 300	400 a 550	500 ou mais
Destino produção	In natura	In natura Agroindústria	In natura Agroindústria

Fonte: Adaptado de Aragão et al. (2010).

Comércio Internacional e Brasileiro de Coco

O maior importador de coco fresco em nível mundial é a China com aproximadamente 36% da fatia do mercado, seguido pelos países de Tailândia, Malásia, Estados Unidos e Cingapura. Esses países dominam mais de 80% do mercado importador mundial (Figura 12).

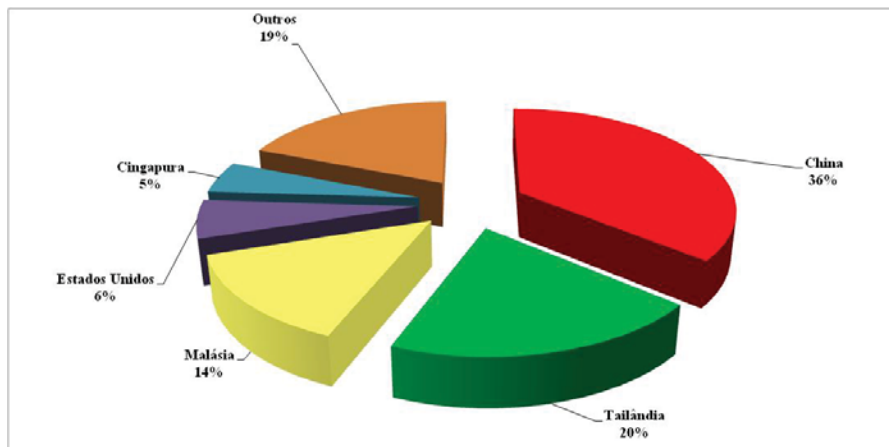


Figura 12. Participação dos maiores países importadores de coco fresco.

Fonte: FAO (2014).

Estes países, demonstrados na Figura 12, predominam no cenário internacional com as maiores transações comerciais ao longo destes últimos anos. É notório o comportamento evolutivo desses países na importação de frutos, sendo nitidamente mais acentuado, na China. Há de se destacar também a evolução da Tailândia, onde a importação de frutos saltou significativamente de 2010 para 2011 (Figura 13). De acordo com a FAO (2014), antes de 2009, a Tailândia não figurava entre os 20 países importadores de coco; em 2010, passou a ocupar a 17ª posição no ranking; atualmente, ocupa a 2ª posição entre os maiores países importadores, denotando possivelmente uma mudança do cenário político-mercadoriológico daquele país.

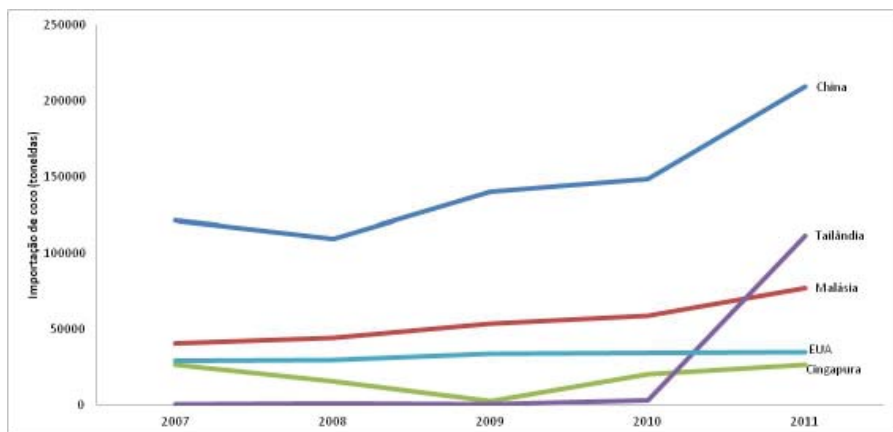


Figura 13. Evolução comercial de importação nos maiores países importadores de coco fresco no período de 2007 a 2011.

Fonte: FAO (2014).

O Brasil não se destaca internacionalmente entre os grandes importadores, mas é importante demonstrar a evolução destas transações. Nos últimos anos, o País vem aumentando suas cotas de importação de coco seco e ralado de outros países, como pode ser observado na Figura 14. De acordo com Secretaria de Comercio Exterior (Secex), no ano de 2008, o Brasil importou 3,6 mil toneladas de coco ralado, quantidade que aumentou para 5,3 mil toneladas, em 2009. Somente no período de janeiro de 2013 a fevereiro de 2014, as importações de coco seco, sem casca, ralado alcançaram o patamar de 13,7 mil toneladas, com valor de comercialização de 19,6 milhões de dólares (MDIC/SECEX, 2014).

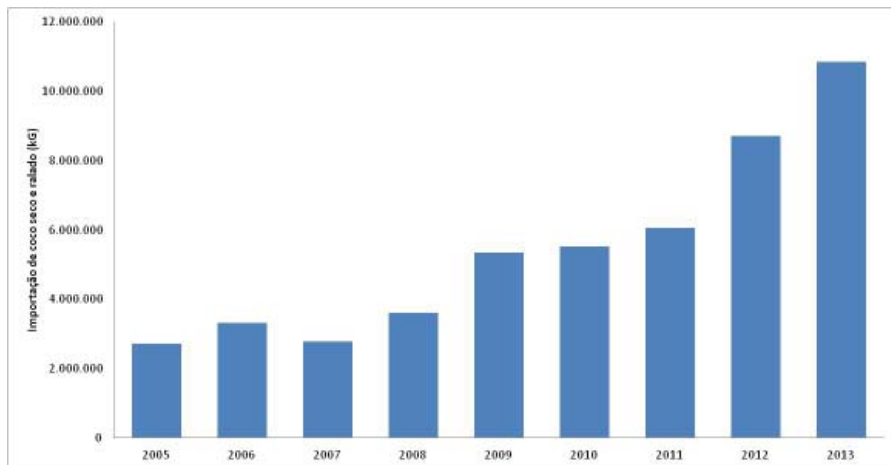


Figura 14. Importação de coco seco e ralado (KG) pelo Brasil de 2005 a 2013.

Fonte: MDIC- MDIC/SECEX (2014).

Os principais fornecedores ao mercado brasileiro nos últimos anos têm sido majoritariamente as Filipinas e Indonésia (responsável por mais de 70% das compras do setor), seguidos de Vietnã, Sri Lanka, Cingapura, Tailândia, Malásia e outros (Tabela 8). No período de 2005 a 2010, a Indonésia era o maior fornecedor de coco para o Brasil, mas nos últimos anos as maiores transações comerciais vem ocorrendo com Filipinas, como pode ser observado pelos números expressos na Tabela 8. Esse dado demonstra uma atratividade brasileira pela importação de coco deste país, possivelmente pelos menores preços dos produtos oferecidos.

Tabela 8. Procedência e volumes de importação brasileira de cocos (kg) frescos; secos, sem casca, mesmo ralados; endocarpo e óleo de copra (bruto).

Países	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014* *
Filipinas	859.633	100.00	510.325	1.237.414	1.985.342	2.015.236	3.626.000	3.039.950	5.645.140	1.783.671
Indonésia	1.109.500	2.309.759	1.815.000	1.491.550	2.413.890	1.814.750	1.915.910	881.897	3.649.719	462.439
Vietnã	568.500	716.000	111.000	408.550	415.000	939.000	265.500	934.487	676.050	153.000
Sri Lanka	75.000	125.000	300.000	384.000	465.000	231.000	23.000	525.000	201.950	189.860
Cingapura	122.500	75.000	-	15.000	-	75.000	200.500	100.000	280.000	76.000
Taiilândia	-*	-	15.250	-	62.600	424.519	1.667	2.267.082	120.000	76.000
Malásia	-	-	-	-	-	25.000	-	-	189.500	-
México	-	-	-	-	-	-	-	497.000	50.000	49.600
China	-	-	-	-	-	-	25.000	457.000	-	-
Índia	-	100.000	-	-	-	-	-	-	-	-
Costa do Marfim	-	-	5.000	-	-	-	-	-	-	-
Paraguai	-	-	13.000	50.000	-	-	-	-	-	-
Peru	-	-	3.000	25.000	-	-	12.000	-	12.000	-
Hong Kong	-	-	-	-	-	-	-	-	36.000	54.432
Irlanda	-	-	-	-	-	-	-	-	38	-
Total	2.727.138	3.327.765	2.774.582	3.613.522	5.343.841	5.526.515	6.071.588	8.704.428	10.862.410	2.847.016

* nada consta. ** até fevereiro de 2014.

Fonte: MDIC MDIC/SECEX (2014).

O Brasil, apesar de ser um grande produtor, vem realizando historicamente importações de coco seco desidratado, fato que tem gerado a queda e/ou manutenção dos preços no mercado nacional. Em virtude de subsídios que esses países oferecem à cadeia produtiva de coco, os produtos chegam vantajosamente ao setor de beneficiamento comparado aos custos de produção dos coqueirais brasileiros, encarecidos pelos custos internacionais de insumos e a carga de tributos na mão-de-obra dos trabalhadores brasileiros (PORTO, 2010).

As primeiras importações brasileiras foram realizadas visando atender principalmente a demanda da indústria de alimentos e de processamento, face a redução temporária ocasionada pelas quebras de safras. Entretanto, esse procedimento, de forma paulatina, acabou se transformando em prática permanente devido aos significativos lucros alcançados (PORTO, 2009). Além de permitir a evasão de divisas, a importação de coco, as importações proporcionam a desestruturação da cocoicultura nacional, diminuindo empregos, preços e desestimulando produtores.

Em 2002, as importações de coco seco foram submetidas a cotas estipuladas pelo governo, em virtude da medida de salvaguarda aplicada para restringir as quantidades importadas. Em 2006, essa medida de defesa comercial foi prorrogada por mais quatro anos, expirando-se em 2010. Atentos a essa situação estagnada e preocupante, órgãos do governo emitiram, em 27 julho de 2010, através da Resolução 51, no Diário Oficial da União nº143, Seção 1 de 28 de julho de 2010, nova prorrogação de medida de salvaguarda, porém desta vez por um período menor, até 2012. Essas medidas perduraram por 10 anos e foram extintas em 31 de agosto de 2012, possibilitando assim, a partir desta data, a importação livre do coco ralado.

Na tentativa de dificultar e/ou amenizar os efeitos destas importações, a Câmara de Comércio Exterior, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, divulgou a Resolução Camex nº 40 no Diário Oficial da União, onde publica a elevação da alíquota do Imposto de Importação - TEC (Tarifa Externa Comum) de 10% para 55% para a importação de frutos sem casca, mesmo ralados. Mesmo com essa medida, a importação de coco pelo Brasil aumentou de aproximadamente 6 mil toneladas em 2011, período ainda com a medida de salvaguarda em vigor, para 10,8 mil toneladas, em 2013, representando um acréscimo em cerca de 55%.

De acordo com Fontes (2012) estudos realizados, para que a indústria brasileira possa ser competitiva, o preço mínimo do coco ralado integral importado deve ser da ordem de R\$10,00 a R\$ 11,00/kg e isto só ocorre quando o preço FOB fica próximo a U\$ 2,00 e o câmbio na base de um U\$ 1,00 para R\$ 2,00. Observa-se, no entanto, uma tendência de queda do preço do coco ralado no mercado internacional, aproximando-se de U\$ 1,00/kg, situação esta que traria graves consequências sobre o preço do produto nacional.

Com relação ao panorama da exportação, o que se constata é uma supremacia da Indonésia e Vietnã, ambos perfazem mais de 50% das exportações, seguidos da Malásia, Índia e Tailândia que complementam 84% do mercado internacional (Figura 15).

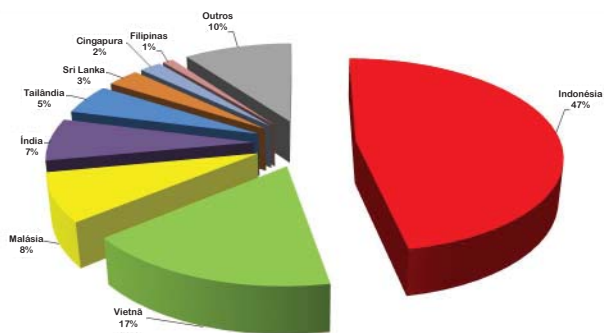


Figura 15. Participação dos maiores países exportadores de coco fresco.

Fonte: FAO (2014).

Apesar de o Brasil importar predominantemente coco seco desidratado, existem algumas iniciativas de exportação de coco, tanto fresco quanto a água de coco. De acordo com CIN (2010), a partir de 2002 até 2006, houve incremento de 19% nas exportações de coco fresco. O comportamento do mercado de exportação brasileiro ao longo dos anos demonstra uma flutuação, como pode ser observado na Tabela 9. Situação que se observa também com os países de destino da exportação de coco brasileiro, onde os principais são a Holanda, Portugal, Espanha e Estados Unidos, por exemplo (MDIC/SECEX, 2014). Porém na média do período de 2005 a 2013 constata-se um volume de frutos exportados ao redor de 200 mil quilos de coco exportado. Na Tabela 8, são apresentadas os países de destino do coco exportado do Brasil.

Tabela 9. Principais países de destino da exportação brasileira de coco (t) fresco ou seco, com e sem casca.

Países	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014**
Holanda	300.998	152.600	47.054	2.799	45.920	8.847	67.308	-	9.257	-
Portugal	67.836	37.288	31.217	99.360	79.938	93.593	14.033	32.117	6.721	1.586
Espanha	14.664	2.648	31.768	3.768	11.684	145.969	75.780	-	-	-
EUA	24.877	24.523	13.387	12.243	11.077	6.908	6.881	5.428	6.944	360
Paraguai	9.789	12.353	15.124	9.848	11.176	8.158	8.876	14.310	16.284	2.558
Argentina	7.073	2.129	3.025	6.096	325	341	511	630	300	-
Uruguai	4.560	6.490	6.000	3.619	6.219	6.342	6.071	5.032	3.400	800
Alemanha	1.312	4.048	15.564	84	46.108	60	33.062	79	120	-
Reino Unido	15.911	196	3.309	17.875	303	2.465	158	72	205	-
Bolívia	50.000	-	-	60	2	31	22	166	17	7
Itália	58.309	27.101	-	114	10	-	700	36	58	-
Angola	727	1.333	9.053	1.182	1.488	258	1.424	9.582	1.023	432
França	3.226	1.096	306	202	-	-	-	-	-	-
Turquia	69.250	-	-	-	-	18.000	26.350	-	-	-
Suíça	13.583	-	120	-	-	-	6.000	-	-	-
Honduras	588	132	288	-	-	-	-	-	-	-
Panamá	156	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Continua...

Tabela 9. Continuação.

Países	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014**
Cabo Verde	24	-	5.902	851	-	-	-	-	-	-
Egito	-*	-	-	-	-	-	132.500	0	0	0
Polônia	-	-	-	-	-	-	138.000	69.000	0	0
Guiné Equatorial	-	-	-	-	-	-	30	0	0	0
Japão	-	-	-	-	-	-	580	2.420	2.110	0
Total	644.888	273.943	184.124	160.109	216.259	292.982	520.297	140.884	48.452	7.757

* nada consta. ** até fevereiro de 2014.

Fonte: MDIC MDIC/SECEX (2014).

Comercialização de copra de coco

A quase totalidade dos países produtores de coco utiliza o coqueiro como uma oleaginosa, sendo os principais produtos na pauta do comércio internacional as transações entre os países com a copra de coco (obtenção de óleo) e coco desidratado (coco ralado integral dessecado).

A comercialização de copra de coco evolui em mais de 70% nas últimas décadas. Os países que praticamente dominam o mercado exportador de copra de coco são os mesmos que figuram como maiores produtores sendo eles: Filipinas, Indonésia e Papua Nova Guiné (Figura 16). Nesta última década, os Países Baixos (Holanda) e a Malásia duplicaram sua capacidade de exportação, que elevaram ao estatus de grandes exportadores de copra de coco para obtenção de óleo.

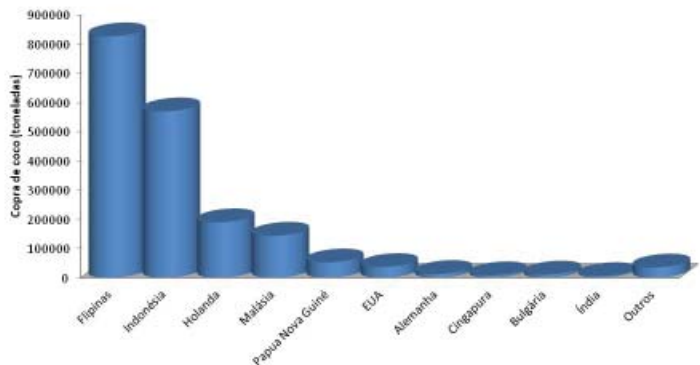


Figura 16. Os principais países exportadores de copra de coco (óleo).
Fonte: FAO (2014).

A maioria dos demais países que figuram no mercado exportador atua mais como revendedores/processadores do que produtores, comercializando muitas vezes o excedente. Alguns dos principais países importadores de copra de coco (Figura 17) para obtenção de óleo de coco destacam-se como grandes exportadores. Nas últimas décadas, observa-se o predomínio dos Estados Unidos como maior importador, muito embora o volume importado mantem-se nos mesmos patamares, nos últimos 30 anos, ou seja, ao redor de 468 mil toneladas de copra de coco. Nos demais países, como Alemanha, Holanda, China e Malásia, houve um incremento em mais de 100% nas importações de copra.

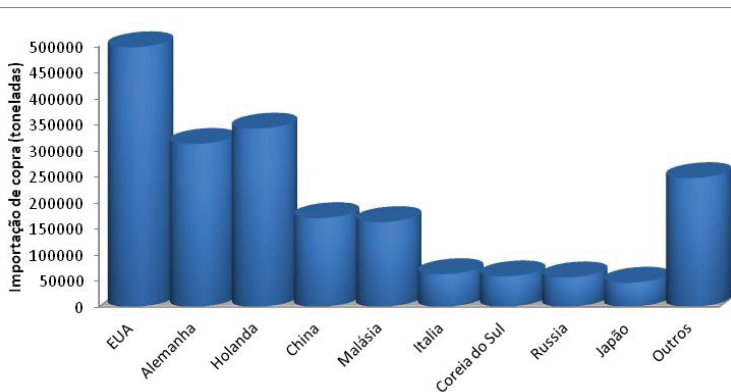


Figura 17. Os principais países importadores de copra de coco (óleo).
Fonte: FAO (2014).

Comercialização de coco desidratado

Com relação à comercialização mundial de coco desidratado, predominam como maiores exportadores os países Asiáticos. As Filipinas são destacadas como o país maior exportador, acompanhado da Indonésia, Sri Lanka e Cingapura (Figura 18). Já entre os maiores importadores de coco desidratado, destacam-se Estados Unidos, Cingapura, Países Baixos, Alemanha, Turquia, entre outros (Figura 19).

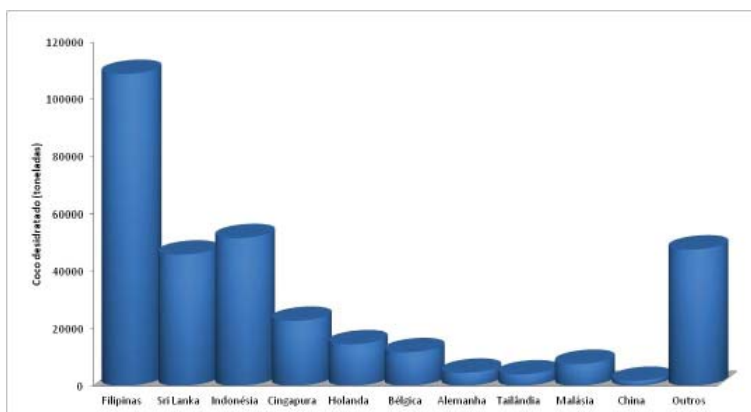


Figura 18. Os principais países exportadores de coco desidratado.
Fonte: FAO (2014)

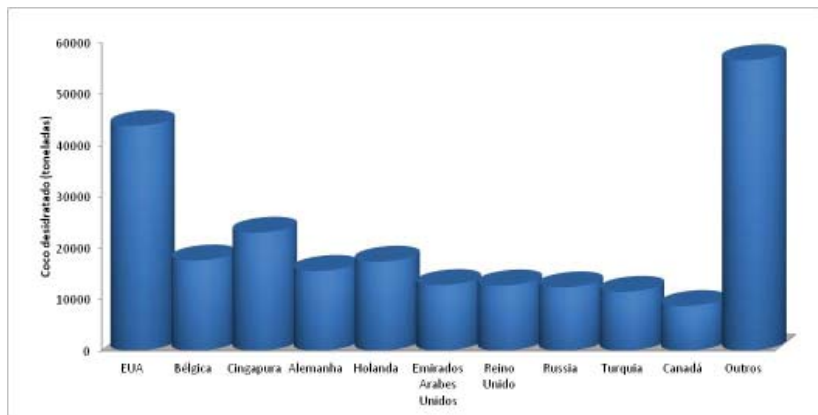


Figura 19. Os principais países importadores de coco desidratado.

Fonte: FAO (2012).

Mercado do coco fresco e seco no Brasil

Diferente de muitas outras culturas temporárias, a comercialização do coco no Brasil pode ser realizada durante o ano todo, com a capacidade de propiciar ao produtor, um fluxo contínuo de receita ao longo da vida produtiva do coqueiro. Estima-se que a produção brasileira é comercializada da seguinte forma (CUENCA et al., 2002):

- 35% destinam-se às agroindústrias, que produzem principalmente coco ralado e leite de coco.
- 35% destinam-se aos mercados Sudeste/Sul.
- 30% restante ficam no mercado nordestino.

De maneira geral, pequenos produtores constituem a maior fatia da produção de coco (85%), comercializando suas produções por meio de atravessadores (intermediários e terceirizados da indústria), enquanto que, os grandes produtores de coco são as próprias agroindústrias, ou então, comercializam suas produções diretamente com as indústrias processadoras.

Apesar da importância da cocoicultura, a sua cadeia produtiva não está inserida na Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) do Governo Brasileiro. Normalmente, o preço mínimo, tanto para o coco seco como do coco verde

destinado ao consumo in natura, é definido pela lei da oferta e da procura do mercado nacional. No caso do coco seco destinado ao uso agroindustrial, o preço sofre influência tanto do mercado interno como também do internacional. Ao longo dos anos, o valor da comercialização do coco apresentou grandes variações, chegando a ser vendido, no auge da importação de coco, por valores irrisórios. São praticamente inexistentes dados oficiais de preços que diferenciam os segmentos de coco seco e verde.

Na maioria das Centrais de Abastecimentos (Ceasas) a elevação dos preços ocorreu de maneira proporcional por região, ao longo dos anos (Tabela 10). No período de 2006 a 2012, a média dos preços demonstraram uma elevação de aproximadamente 60 a 110% no valor de coco verde por unidade. A maior elevação do valor de coco verde na comercialização dos entrepostos foi nos Ceasas de Teresina, João Pessoa, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e a menor elevação nos Ceasas de São Paulo e Natal.

Tabela 10. Média dos preços em R\$/unidade do coco verde nos anos de 2006 a 2012, em alguns estados brasileiros.

Capitais Estaduais	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Aracaju	**	**	0,49	0,65	0,73	0,82	0,80*
Fortaleza	0,46	0,49	0,54	0,67	0,72	0,91	0,85
João Pessoa	0,29	0,32	0,39	0,45	0,40	0,49	0,63
Maceió	**	0,45	0,58	0,60	0,68	0,74	0,86
Natal	0,53	0,44	0,49	0,56	0,71	0,83	0,66
Recife	0,40	0,53	0,58	0,65	0,80	0,85	0,86
São Luís	0,60	0,61	0,67	0,82	1,00	1,00	**
Salvador	0,42	0,46	0,47	0,54	0,62	0,65	0,69
Teresina	0,18	0,33	0,54	0,64	0,78	0,91	0,78
Belo Horizonte	0,45	0,45	0,75	0,88	1,00	0,97	0,99
Rio de Janeiro	0,66	0,75	0,73	0,81	0,93	2,22	1,28
São Paulo	0,89	0,85	0,89	1,04	1,13	1,04	1,05
Vitória	0,46	0,60	0,57	0,75	0,79	0,85	0,89
Curitiba	1,22	1,09	1,22	1,53	1,61	1,61	1,57
Porto Alegre	1,63	1,51	1,60	1,65	2,00	2,28	2,48
Florianópolis	1,06	1,10	1,10	1,44	1,62	1,86	1,72
Campo Grande	0,82	0,74	0,81	0,94	1,41	1,61	1,60
Distrito Federal	**	**	0,92	0,94	1,22	1,17	1,23
Goiânia	**	**	0,87	0,94	1,13	1,26	1,20
Belém	0,43	0,44	0,48	0,50	0,61	0,59	0,66
Tocantins	**	**	**	**	1,00	2,56	2,61
Rio Branco	**	**	**	**	1,00	0,97	1,00
Média anual	0,49	0,51	0,68	0,78	0,99	1,19	1,11

*Média referente até julho **Dados não disponíveis.

Fonte: CONAB (2014).

Em grande parte do Nordeste, em 2009, os preços recebidos pelos produtores mantiveram-se acima de R\$ 0,40 próximo na maioria das vezes de R\$ 1,00/kg por unidade de coco seco. Com relação ao coco ralado, o preço médio no mercado atacadista nacional mantém-se próximo de R\$ 14,00/kg, enquanto que o preço FOB médio nos países exportadores, em novembro de 2009, esteve cotado em US\$ 1,04/kg, que corresponde a R\$ 1,79/kg (dólar cotado a R\$ 1,7244) (FONTES; WANDERLEY, 2010).

Com relação aos preços médios de coco seco de alguns Ceasas das regiões Nordeste e Norte do Brasil, percebe-se uma variação de estado e ano, variando na faixa de R\$ 77,00 a 130,00 o Cento, em 2012, para e faixa de R\$ 110 a 170 o cento, em 2013 (Tabela 11).

Tabela 11. Preços médios mensais de coco seco (R\$/Cento) comercializado no Ceasas da Paraíba, Ceará, Natal, Pernambuco, Pará e Bahia em 2012 e 2013.

Estado	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
	2012											
Paraíba	80,00	80,00	80,00	70,00	70,00	70,00	80,00	70,00	70,00	80,00	80,00	75,00
Ceará	*	146,88	151,25	132,00	119,38	108,38	96,00	90,25	88,06	80,94	95,75	92,00
Natal	190,00	180,00	180,00	150,00	80,00	80,00	100,00	70,00	70,00	70,00	70,00	80,00
Pernambuco	120,00	90,00	100,00	100,00	90,00	80,00	80,00	80,00	80,00	80,00	80,00	70,00
Média mensal	130,00	124,22	127,81	113,00	89,85	84,60	89,00	77,56	77,02	77,74	81,44	79,25
2013												
Paraíba	80,00	80,00	70,00	70,00	70,00	85,00	120,00	120,00	140,00	140,00	145,00	140,00
Ceará	*	100,25	96,00	91,05	103,75	113,44	119,75	117,75	105,50	98,75	88,88	111,25
Natal	190,00	80,00	80,00	80,00	80,00	90,00	90,00	90,00	90,00	90,00	90,00	90,00
Pernambuco	80,00	50,00	80,00	100,00	90,00	120,00	150,00	140,00	160,00	160,00	150,00	150,00
Pará	80,00	50,00	80,00	90,00	70,00	90,00	*	150,00	110,00	90,00		65,00
Bahia	110,00	120,00	120,00	110,00	110,00	110,00	170,00	170,00	200,00	200,00	200,00	200,00
Média mensal	108,00	80,04	87,67	90,18	87,29	101,41	129,95	131,29	134,25	129,79	134,78	126,04

* Dados não disponíveis.

Evidentemente que a variação de preços é decorrente essencialmente da oferta e da procura de coco, apresentando uma sazonalidade de comercialização que pode ser observada na Tabela 12. Ao longo dos meses os preços mantiveram-se na faixa de R\$ 0,89 a 1,09 na média mensal dos estados de 2006 a 2011.

Tabela 12. Preços do coco verde comercializado nas Ceasas de alguns estados brasileiros, referentes a médias de 2006 a 2012.

Capitais Estaduais	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Aracaju*	0,68	0,63	0,62	0,64	0,63	0,58	0,57	0,6	0,57	0,57	0,55	0,62
Fortaleza	0,71	0,77	0,71	0,66	0,61	0,58	0,57	0,57	0,60	0,70	0,75	0,74
João Pessoa	0,39	0,43	0,45	0,46	0,46	0,46	0,41	0,40	0,41	0,43	0,44	0,47
Maceió	0,63	0,60	0,68	0,65	0,69	0,76	0,79	0,70	0,75	0,72	0,68	0,64
Natal	0,63	0,64	0,70	0,68	0,60	0,60	0,58	0,58	0,55	0,53	0,57	0,58
Recife	0,83	0,74	0,73	0,69	0,63	0,59	0,56	0,56	0,57	0,64	0,71	0,79
São Luís	0,78	0,75	0,77	0,71	0,73	0,73	0,72	0,72	0,76	0,78	0,78	0,79
Salvador	0,60	0,63	0,63	0,61	0,55	0,50	0,48	0,46	0,50	0,52	0,56	0,58
Teresina	0,76	0,64	0,67	0,64	0,63	0,55	0,55	0,57	0,61	0,76	0,79	0,72
Belo Horizonte	0,86	0,97	0,90	0,84	0,74	0,68	0,66	0,67	0,77	0,77	0,76	0,81
Rio de Janeiro	0,83	0,83	0,99	1,08	1,15	1,06	1,08	1,12	1,17	1,12	1,11	1,10
São Paulo	1,00	0,99	1,12	1,05	0,99	0,94	0,98	0,93	0,95	0,93	0,94	0,97
Vitória	0,77	0,76	0,79	0,88	0,82	0,72	0,60	0,58	0,59	0,59	0,62	0,68
Curitiba	1,44	1,39	1,40	1,46	1,45	1,39	1,34	1,26	1,37	1,45	1,49	1,46
Porto Alegre	1,78	1,77	1,79	1,81	1,81	1,82	1,84	1,87	1,94	2,00	2,05	2,03
Florianópolis	1,48	1,43	1,41	1,43	1,40	1,40	1,40	1,39	1,36	1,38	1,41	1,40
Campo Grande	1,24	1,15	1,22	1,15	1,10	1,02	1,03	1,04	1,10	1,18	1,16	1,29
Distrito Federal	1,10	1,15	1,25	1,22	1,16	1,13	1,00	0,99	1,04	1,12	1,15	1,16
Goiânia	1,14	1,19	1,20	1,19	1,19	1,09	1,07	1,02	1,01	1,08	1,07	1,11
Belém	0,58	0,53	0,54	0,49	0,47	0,48	0,48	0,50	0,52	0,55	0,57	0,65
Palmas	2,00	2,00	3,12	4,80	3,40	3,14	2,19	2,20	1,49	1,73	2,00	2,00

Continua...

Tabela 12. Continuação.

Capitais Estaduais	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Rio Branco	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	0,93	0,90	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Média mensal	0,96	0,95	1,0	1,09	1,00	0,96	0,90	0,89	0,89	0,93	0,96	0,98

*Os dados referentes à Aracaju só constam de 2008 a 2012.

Fonte: CONAB (2014).

O período de comercialização de coco verde nas Ceasas é regulado essencialmente pela procura em função das estações do ano e clima. O que se constata é elevação da procura e consumo de coco verde a partir de agosto até dezembro, após este período mantem-se um volume de oferta de frutos, com uma pequena elevação até março, quando a comercialização de coco no mercado brasileiro começa a reduzir significativamente, chegando nos meses de inverno brasileiro nos menores preços alcançados com a frutas (Figura 20).

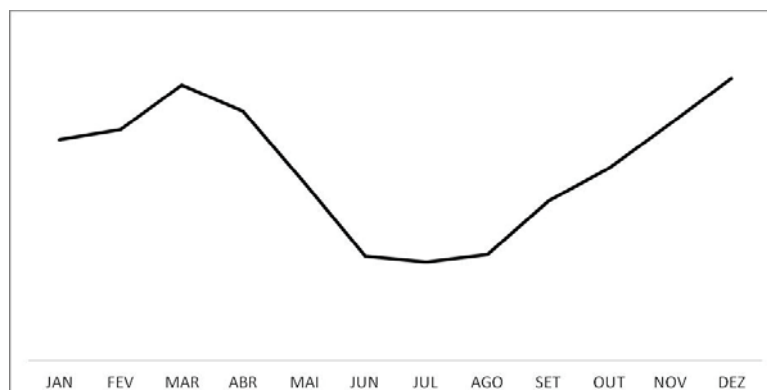


Figura 20. Sazonalidade de oferta/preços de cocos ao longo do ano comercializados nas centrais de abastecimentos do País.

O mercado do coco verde no Brasil tem crescido nos últimos anos, não só pelo aumento de áreas de plantios, com o coco-anão verde destinado à produção de água, mas pelo crescimento do consumo da água de coco, impulsionados principalmente pela inclusão de hábitos saudáveis no comportamento da população brasileira. A evolução do mercado se verifica também pela maior preocupação do setor industrial em disponibilizar o produto nas prateleiras dos supermercados em diferentes embalagens.

Poucas são as informações oficiais que dizem respeito sobre o consumo de água de coco. Estima-se, que o consumo nacional de água de coco por áreas como medicina, biotecnologia, nutrição, entre outras, estejam ao redor de 100 a 350 milhões de litros por ano, apresentando uma taxa de crescimento de, aproximadamente, 20% ao ano (FONTENELE, 2005; FONTES; WANDERLEY, 2006; CARVALHO et al., 2006; FEDERASUL, 2011, CUNHA, 2011). O Brasil consumiu, em 2004, cerca de 22 milhões de litros de água de coco, sendo que, em 2008, esse consumo quase duplicou movimentando cerca de 39 milhões de litros do produto, alcançando, em 2012, cerca de 116, 4 milhões de litros (ABIR, 2011; ABRE, 2013).

Apesar desse crescimento no consumo de água de coco, no Brasil, o volume é praticamente incipiente se comparado a outros segmentos de bebidas, como o refrigerante. Estima-se que o consumo per capita esteja em torno de 0,32 litros/ano, enquanto que o refrigerante chega a 86 litros/ano (ABIR, 2014). Quando se analisa o mercado de frutas prontas para o consumo, que inclui sucos (concentrados e sucos com soja) e néctares, percebe-se que o consumo de água de coco estimado (4%) ainda é pequeno frente aos demais tipos de bebidas consumidas (Figura 21).

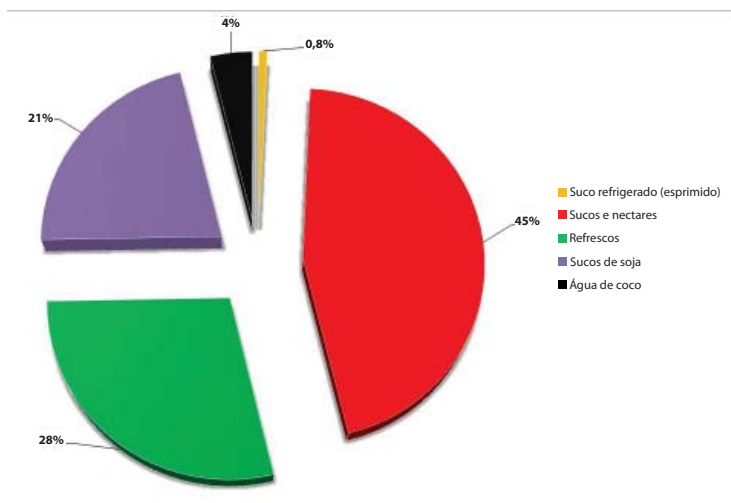


Figura 21. Participação (%) do consumo de água de coco no segmento de bebidas de frutas pronta para beber no país.

Fonte: IBRAF (2013).

Proporcionalmente a população residente em algumas regiões, o maior consumo per capita está no Rio de Janeiro com 0,84 litros/ano, ao passo que a região Nordeste apresenta um consumo de 0,04 litros/ano. No todo da região Sudeste, o consumo per capita de água de coco é de 0,33 litros/ano, sendo que na Grande São Paulo o consumo esta ao redor de 0,57 litros/ano e de 0,58 litros/ano no interior de São Paulo. Na Região Sul, Centro-Oeste e Norte do Brasil, o consumo per capita de água de coco é de 0,41 litros/ano, 0,33 litros/ano e 0,07 litros/ano, respectivamente.

No ramo de alimentação saudável, sabe-se que o segmento de renda mais alta tende a estabelecer uma relação diferenciada com a alimentação no sentido de valorizar a escolha de alimentos in natura, associada a uma dieta mais saudável, seja por questões de educação alimentar, bem como, a maior preocupação com a estética. O próprio consumo de frutas na população brasileira é significativamente maior nos segmentos de mais alta renda. Essa constatação também se verifica no caso do consumo de água de coco, onde as classes econômicas consideradas A/B são as maiores demandantes deste produto (Figura 22). Essas constatações evidenciam não só a necessidades de políticas de promoção à saúde e qualidade de vida, em todos os segmentos sociais, que inclua o consumo de bebidas saudáveis facilitando a escolha dos alimentos, como revela o potencial de crescimento de consumo de água de coco nas diferentes classes econômicas.

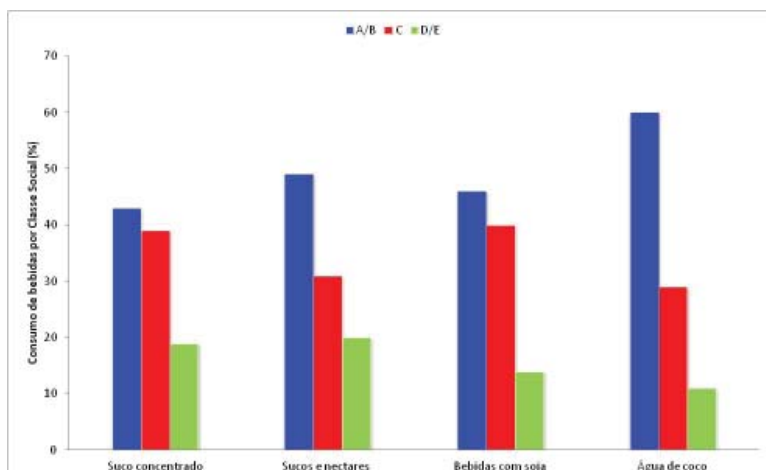


Figura 22. Participação (%) do consumo de água de coco nas classes econômicas no consumo de bebidas de frutas prontas para beber no País.

Fonte: IBRAF (2013).

O potencial de mercado é bastante promissor, competindo inclusive com as bebidas do tipo isotônicos, entre outras, devido às propriedades funcionais. Mas para isso torna-se necessário o desenvolvimento tecnológico de processamento e embalagens que permitam manutenção das características nutricionais e o sabor da água de coco (CARVALHO et al., 2006). Este fator é relevante quando se analisa os canais de comercialização de água de coco, onde a característica de oferecer bebidas prontas em embalagens de fácil manuseio torna-se preponderante para distribuir e comercializar água de coco em supermercados, principal via de contato com os consumidores (Figura 23).

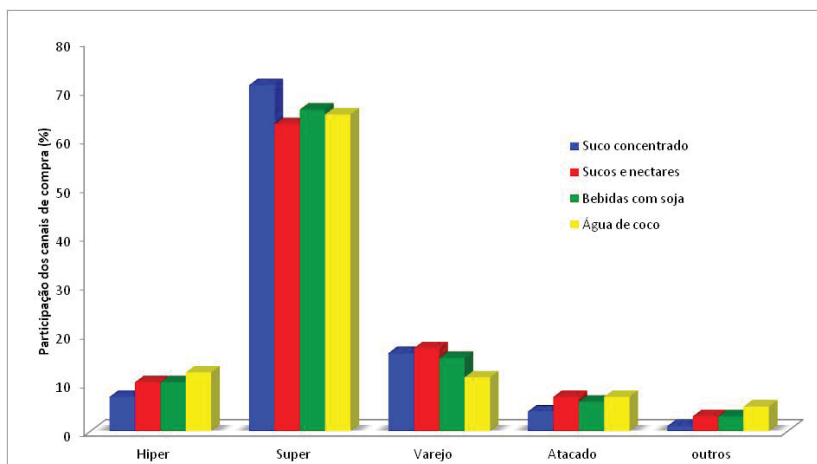


Figura 23. Participação (%) dos canais de comercialização de bebidas a base de frutas no País.

Fonte: IBRAF (2013).

Esse cenário produtivo e de mercado revela o Brasil como líder mundial na produção de coco-Anão verde (HOLANDA et al., 2007). A possibilidade de aumento de consumo, aliado ao crescimento populacional e a preocupação com a saúde, demonstram claramente a potencialidade deste setor perante a cadeia produtiva de coco. E ainda, condiciona um novo redesenho do cenário produtivo da cultura do coco no Brasil, a fim de atender não só as demandas atuais, a nacional, mas principalmente às futuras, que começam a se consolidar para a exportação.

Considerações Finais

É nítido o crescimento internacional na produção e comercialização de coco, onde os produtos obtidos do coqueiro vêm permitindo gerar divisas, essencialmente, pela produção de coco, óleo e coco desidratado, além de novos e outros subprodutos. Alguns países vêm desencadeando ações estratégicas a fim de ocupar mercados promissores da cadeia produtiva do coco. Nesse sentido, a produção e comercialização de coco fresco e água de coco parece despontar como produto diferenciado da produção brasileira, sobretudo, no mercado interno, pela crescente demanda de água de coco in natura e envasada. Nesse segmento da água de coco, cabe destacar a necessidade eminente de estratégias públicas e privadas visando garantir a evolução do processo tecnológico de produção e qualidade da água. Tendências indicam que em determinados países pretendem ocupar também o segmento do cultivo de coco para produção de água, o que acarretaria na maior competitividade do setor, hoje, dominado pelos produtores brasileiros.

A produção e comercialização brasileira de coco demonstram uma significativa evolução nos últimos anos, não só em termos de cultivo, mas principalmente no avanço em áreas não tradicionais de plantio. O esforço de toda a cadeia produtiva nas melhorias dos processos produtivos e agroindustriais visando atender às premissas da competitividade e do aumento da demanda vem impulsionado o desenvolvimento científico e tecnológico em todos os segmentos da cultura.

A importância da cultura do coqueiro para o Brasil torna-se evidente principalmente quando seu cultivo, em ambientes fragilizados, faz parte fundamentalmente de pequenos agricultores familiares que dependem desta atividade para sobreviver. Há de se destacar também, o envolvimento de grandes empresas que vem proporcionando o crescimento da produção e comercialização, em alguns casos, até mesmo no mercado para exportação, principalmente no segmento da água de coco.

A cocoicultura brasileira vem respondendo, mesmo que paulatinamente, a esta situação de avanço em termos produtivos, entretanto os problemas que interferem nesta atividade transpassam o caráter tecnológico, que acarretam na necessidade eminente do apoio governamental com medidas efetivas a fim de

possibilitar o incremento tecnológico para melhorar a competitividade do setor, principalmente dos pequenos produtores, que poderão sofrer consequências com o crescente aumento da importações de coco e subprodutos. Atento a esta situação a Embrapa Tabuleiros Costeiros vem designando esforços institucionais no sentido de aumentar a competitividade desta cadeia produtiva, gerando tecnologias, desenvolvendo projetos, estimulando as parcerias institucionais e a multidisciplinaridade com intuito de propiciar que a atividade evolua técnica e tecnologicamente fundamentalmente para que os produtores possam cultivar coqueiros com a premissa da sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Referências

ASSOCIAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE REFRIGERANTES E DE BEBIDAS NÃO ALCOÓLICAS. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.abir.org.br/>>. Acesso em: 15 fevereiro 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMBALAGENS. São Paulo. Disponível em: <<http://www.abre.org.br/>>. Acesso em: 10 fevereiro 2014.

AGRIANUAL 2011: Anuário da Agricultura Brasileira. São Paulo: FNP, 2011. p.278-284

ARAGÃO, W. M.; RIBEIRO, MELO, M. F. V. Cultivares de coqueiro para a produção de coco seco: coqueiro Gigante vs híbridos. In: CINTRA, F. L. D.; FONTES, H. R.; PASSOS, E. E. M.; FERREIRA, J. M. S. (Ed.). **Fundamentos tecnológicos para a revitalização das áreas cultivadas com coqueiro gigante no nordeste do Brasil**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2009. 232 p. p. 37-60.

ARAGÃO, W. M. Cultivares de coqueiros. In: FONTES, H. R.; FERREIRA, J. M. S.; SIQUEIRA, L. A. (Ed.). **A cultura do coqueiro**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2007. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Sistemas de Produção, 1). Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Coco/ACulturadoCoqueiro/cultivares.htm>>. Acesso em: 6 jan. 2013.

CARVALHO J. M. C.; MAIA G. A.; SOUZA P. H. M. et al. Água-de-coco: Propriedades nutricionais, funcionais e processamento. **Semina**, Londrina, v. 27, n. 3, 437-452, 2006.

COMPANHIA DE ENTREPOSTOS E ARMAZÉNS GERAIS DE SÃO PAULO. **Produtos de época**: seção de economia e desenvolvimento: sazonalidade dos produtos comercializados no ETSP. Disponível em: <3.

CENTRO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS. **Perfil de mercado**: coco verde Estados Unidos da América. Disponível em: <3.

COCO-DA-BAHIA. In: AGRIANUAL 2010. São Paulo: AgraFNP, 2010. p. 307-312.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Disponível em:
< <http://www3.ceasa.gov.br/prohortweb/> > Acesso em: 15 março 2014.

CUENCA, M. A. G.; RESENDE, J. M.; SAGGIN JÚNIOR, O. J. et al. Mercado brasileiro do coco: situação atual e perspectivas. In: ARAGÃO, W. M. **Coco**: pós-colheita. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2002. p. 11-18.

CUNHA, L. Pepsico tenta aumentar o consumo de água de coco. **Jornal Valor Econômico**, São Paulo, p. B8, 11 jan. 2011. Caderno: Empresas.

FAO 2014. **World Production**. Disponível em: < www.faostat.org.br > . Acesso em: 20 jan. 2014.

FEDERASUL. **Arquivos Vonpar**. Disponível em: < <http://www.federasul.com.br> > . Acesso em: 3 maio 2013.

FOALE, M.; HARRIES, H. Farm and Forestry Production and Marketing Profile for Coconut (*Cocos nucifera*). In: ELEVITCH, C. R. (Ed.). **Specialty crops for pacific island agroforestry**, Holualoa, Hawai'i: Permanent Agriculture Resources (PAR), 2009. Disponível em: <3.

FONTES, H. R.; WANDERLEY, M. **Novos cenários para a cultura do coqueiro gigante no Brasil**. 2010. Disponível em: <www.agrosoft.org.br/agropag/212960.htm>. Acesso em: 14 nov. 2013.

FONTES, H. R.; WANDERLEY, M. **Situação atual e perspectivas para a cultura do coqueiro no Brasil**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006. 16 p. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Documentos, 94).

FONTES, H. R. **Produção de “Coco Seco” no Brasil após o final das medidas de salvaguardas 2012**. Disponível em <[http://www.cpatc.embrapa.br/Produção de “Coco Seco” no Brasil após o final das medidas de salvaguardas 2012](http://www.cpatc.embrapa.br/Produção%20de%20Coco%20Seco%20no%20Brasil%20após%20o%20final%20das%20medidas%20de%20salvaguardas%202012)>. Acesso em: 26.09.2012

FONTES, H. R. **Caracterização do quadro atual e principais ameaças à produção de coco seco no nordeste do Brasil**. 2010. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2010/caracterizacao-do-quadro-atual-e-principais-ameacas-a-producao-de-coco-seco-no-nordeste-do-brasil>>. Acesso em: 12.01.2011.

FONTENELE, R. E. S. Cultura do Coco no Brasil: Caracterização do Mercado Atual e Perspectivas Futuras. In: CONGRESSO DA SOBER, 43., 2005, Ribeirão Preto. **Instituições, eficiência, gestão e contratos no sistema agroindustrial**: anais. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2005. p. 1-20.

HOLANDA, J. S.; FERREIRA NETO, M.; SILVA, R. A. et al. **Tecnologia para a produção intensiva de coco Anão verde**. Natal: EMPARN, 2007. 40 p. (Boletim de Pesquisa, 34).

IBGE. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisa>>. Acesso em: 20 março. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FRUTAS. **Panorama da cadeia produtiva de frutas em 2012 e projeções para 2013**. São Paulo. 127 p.

MARINHO, J. L. M.; GHEYI, H. R.; FERNANDES, P. D. et al. Cultivo do coco “Anão Verde” irrigado com águas salinas. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**. Brasília, DF, v. 41, p. 1277-1284, 2006.

MARTINS, C. R.; JESUS JUNIOR, L. A. **Evolução da produção de coco no Brasil e o comércio internacional: panorama 2010**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2011. 28 p. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Documentos, 164).
BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; Secretaria de Comércio Exterior. Aliceweb. Disponível em: < <http://alicesweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 24 março. 2014.

PORTO, F. P. D. A importância do fortalecimento da estrutura sindical para desenvolvimento da cocoicultura no Nordeste. In: CINTRA, F. L. D.; FONTES, H. R.; PASSOS, E. E. M.; FERREIRA, J. M. S. (Ed.). **Fundamentos tecnológicos para a revitalização das áreas cultivadas com coqueiro gigante no nordeste do Brasil**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2009. 232 p. p. 229-233.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; Secretaria de Comércio Exterior.. **Informativo MDIC/SECEX**. Disponível em: < <http://infoMDIC/SECEX.desenvolvimento.gov.br/public/arquivo/arq1267817776.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

SIQUEIRA, L. A.; ARAGÃO, W. M.; TUPINAMBÁ, E. A. **A introdução do coqueiro no Brasil: importância histórica e agrônômica**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2002. 24 p. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Documentos, 47). Disponível em: < <http://www.cpatc.embrapa.br/download/Documentos47.doc>>. Acesso em: 08 dez 2013.

WANDERLEY. M.; LOPES, G. M. Importância sócio-econômica da produção de coco seco no Brasil. In: CINTRA, F. L. D.; FONTES, H. R.; PASSOS, E. E. M.; FERREIRA, J. M. S. (Ed.). **Fundamentos tecnológicos para a revitalização das áreas cultivadas com coqueiro gigante no nordeste do Brasil**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2009. 232 p. p. 37-60.



Tabuleiros Costeiros